



## **OS BOOSTERS DO SERTÃO: A NATUREZA E A MODERNIDADE URBANA DE GOIÂNIA NOS DISCURSOS DA CIDADE SÍMBOLO DO OESTE BRASILEIRO (1932-1942)**

**Anderson Dutra e Silva**<sup>1</sup>  
**Sandro Dutra e Silva**<sup>2</sup>  
**Carlos Christian Della Giustina**<sup>3</sup>

### **Resumo:**

A cidade de Goiânia, criada na década de 1930 como a nova capital do estado de Goiás, substituiu a cidade de Goiás, considerada atrasada, do ponto de vista do desenvolvimento industrial e tecnológico no início do século XX, e insalubre, por decisão do interventor Pedro Ludovico Teixeira. De acordo com pressupostos teórico-metodológicos da história ambiental utilizados por William Cronon em seu livro *Nature's Metropolis*, fez-se uma análise de relatórios técnicos, publicações de jornais da cidade de Goiás nos anos de 1931 e 1932 e em livros e artigos que tratam da criação da nova capital. Nos anos que precederam a transferência da capital, apoiadores da mudança utilizaram, em seus discursos, aspectos naturais como justificativas para o sucesso do empreendimento. Pode-se, então, traçar um paralelo entre os divulgadores da nova capital com o que Cronon, ao analisar o papel de Chicago como metrópole símbolo do grande Oeste americano, chamou de *boosters*, que são idealizadores que utilizavam de teorias para atrair investidores para metrópoles que seriam criadas em locais ainda pouco povoados. Com a intenção de compreender os fatores que permitiram que Goiânia figurasse como uma cidade símbolo da interiorização do país, procurou-se identificar, na visão de seus idealizadores e sonhadores, o papel da natureza como elemento atrativo para o desenvolvimento. A primeira década de criação da cidade, no entanto, não demonstrou o avanço desejado e propagado, onde a natureza foi muito mais uma barreira do que um impulso.

**Palavras-Chave (ou Keywords, ou Palabras Clave):** Goiânia. História ambiental. Marcha para o Oeste. Fronteira.

## **HINTERLAND'S BOOSTERS: THE NATURE AND THE URBAN MODERNITY OF GOIANIA AT THE DISCOURSES OF THE CITY SYMBOL OF THE BRAZILIAN WEST (1932-1942)**

### **Abstract (Ou Resumo):**

The city of Goiania, created in the 1930s as the new capital of the state of Goias by decision of the governor Pedro Ludovico Teixeira, replaced the city of Goias, considered delayed and unhealthy. This paper makes an analysis of technical reports, newspaper publications and in books and articles dealing with the creation of the new capital, according to the theoretical-methodological assumptions of the environmental history used by William Cronon in his book *Nature's Metropolis*. In the years preceding the transfer of the capital, supporters of change used natural elements as a justification for the success of this enterprise. It is possible to draw a parallel (when analyzing the paper of Chicago like a symbolic city of the great American West) between what Cronon called boosters, that are visionary men that used some theories to attract investors to the metropolis that would be created in places still almost unpopulated. In an attempt to understand the factors that allowed Goiania to appear as a main city in the interiorization of Brazil, we sought to identify, in the vision of its

<sup>1</sup> Mestrando (PPSOMA, UniEvangélica, Brasil). Professor Assistente (UniEvangélica, Brasil). dimdutra74@gmail.com

<sup>2</sup> Última Titulação (curso, Instituição, País). Filiação (Instituição, País). E-mail

<sup>3</sup>



creators and dreamers, the role of nature as an attractive element for development. The first decade of city creation, however, did not demonstrate that the desired and propagated advance was reached out, where nature was much more a barrier than a boost.

**Keywords(ou Palavras-Chave):** Goiania. Environmental History. March to the West. Frontier.



## 1. Introdução

O processo histórico da “conquista” territorial do Oeste brasileiro foi um fenômeno importante, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, quando o governo brasileiro instituiu uma política de expansão demográfica e econômica da fronteira em direção ao *hinterland* brasileiro (DUTRA E SILVA, 2017). As questões agrícolas e agrárias foram elementos importantes da política de expansão da fronteira pela Marcha. No entanto, a construção da imagem da “terra da promessa” englobava outros elementos, como por exemplo, a concepção urbana das cidades do Oeste como uma valiosa expressão da Marcha. Nesse sentido é que a cidade de Goiânia, criada na década de 1930 como a nova capital do estado de Goiás, se apresenta como um dos símbolos da Marcha histórica.

Este artigo procurou analisar o processo histórico da concepção e construção da nova capital de Goiás, sobretudo a partir da compreensão dos fatores que permitiram que Goiânia figurasse como uma cidade símbolo da interiorização do país. Os recursos metodológicos se fundamentam na análise documental dos discursos e narrativas, que procuram identificar, na visão de seus idealizadores e sonhadores, o papel da natureza como elemento atrativo para o desenvolvimento. A primeira década de criação da cidade, no entanto, não demonstrou o avanço desejado e propagado, onde a natureza foi muito mais uma barreira do que um impulso ao desenvolvimento.

Utilizando pressupostos teórico-metodológicos levantados por William Cronon (1991) em seu livro *Nature's Metropolis*, procurou-se traçar um paralelo entre a divulgação da transferência da capital de Goiás e o método de divulgação dos chamados *boosters* de Chicago, os quais eram, na sua maioria, empreendedores norte-americanos que se apropriaram de diferentes recursos naturais como elementos impulsionadores da cidade que desejavam criar. Para atingir esses objetivos, foram utilizados, como base de estudos, relatórios técnicos de profissionais ligados à criação de Goiânia, jornais de divulgação na cidade de Goiás, além de livros e artigos que tratam da concepção da nova capital entre as décadas de 1930 e 1940.

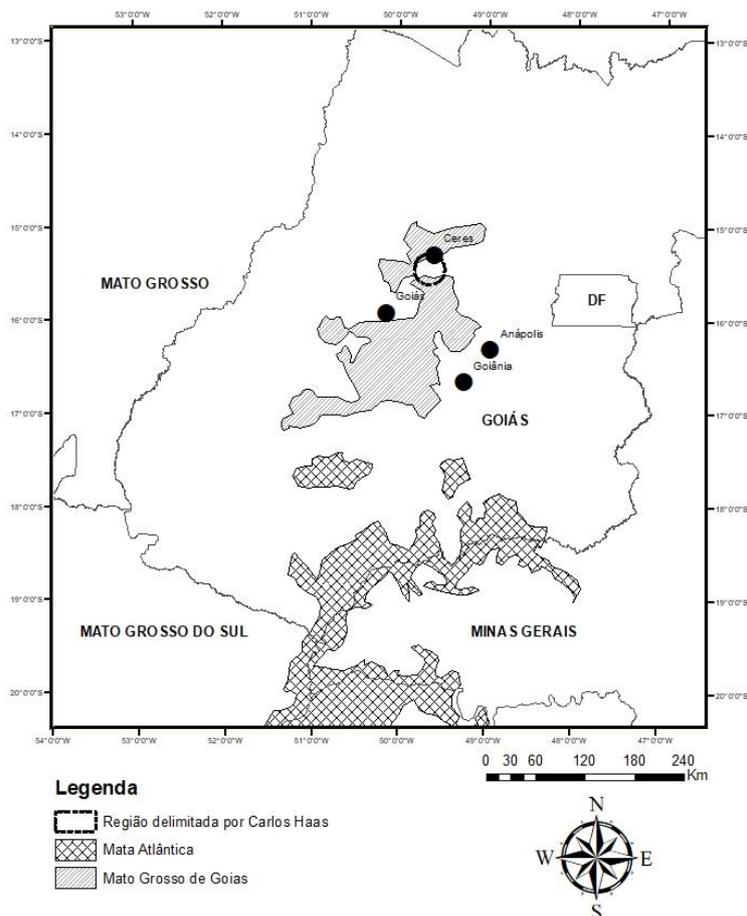
## 2. A primeira natureza

A possibilidade da construção da nova capital suscitava nos cidadãos goianos ânimos entusiasmados e esperanças de desenvolvimento. Em publicações feitas no jornal Voz do Povo,



sediado na então capital cidade de Goiás, ocorreram discursos que tentaram promover a mudança da capital. No centro destes discursos, a natureza local figura como elemento determinante na defesa das ideias mudancistas. Num desses discursos, o artigo do engenheiro Calos Haas afirmava que “à borda da zona da mata, no entanto, já se nota um incremento salutar da lavoura em geral e na formação de extensas pastagens”<sup>4</sup>.

**Figura 01 – Mato Grosso de Goiás – zona indicada por Carlos Haas.**



Fonte: (DUTRA E SILVA, 2017) adaptado pelos autores

A natureza, segundo essa visão, pode ser considerada como fonte de recursos, mas não sem antes ser “civilizada”. A cidade de Goiás, capital esculpida às margens do rio Vermelho às custas do ouro havia perdido seu potencial de transformação e tornado-se insalubre e desprovida de

<sup>4</sup> Voz do Povo. Ligeiras considerações acerca da mudança da capital de Goyaz. Eng<sup>o</sup> Carlos Haas. São Francisco das Chagas, 10 de fevereiro de 1931. Fonte: Hemeroteca Digital, disponível em: [bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/](http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/) acessado em 19 de dezembro de 2017.



capacidade de promover o crescimento (CHAUL, 2009; MANSO, 2001). Ao relatar as teorias de Jesup W. Scott, um dos principais *boosters* americanos do século XIX, Cronon (1991) diz que as

*florestas supririam madeira às construções e lenha como combustíveis. As pradarias se tornariam pastagens e campos que forneceriam grãos, carne e produtos diários para a cidade* (CRONON, 1991, p. 36).<sup>5</sup>

A natureza com elemento principal de promoção da metrópole tem papel importante na escolha do local onde se situaria a nova capital. O então governador do estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira (nomeado interventor pelo presidente Getúlio Vargas) cria uma comissão para a escolha do local para sediar a cidade. Esta comissão se reúne pela primeira vez na cidade do Bonfim (atual Silvânia) no dia 03 de janeiro de 1933. Envolve em “manobras políticas” e “jogos de cena”, escolhe-se Campinas (preferida por Pedro Ludovico) ao invés de Bonfim (preferida pelo arcebispo Dom Emanuel) (MENDONÇA, 2009; SABINO JUNIOR, 1960). O documento final elaborado pela subcomissão definida pelo governador atestava que

*que Campinas se acha situada no ponto [central] da parte **mais povoada** do Estado e a sua topografia **das mais apropriadas e belas** para construção de uma cidade **urbanisticamente moderna**, num vasto perímetro de **terras ótimas para cultura**, todas cobertas com **matas** de superior qualidade e que enormemente facilitarão a construção da nova cidade* (IBGE, 1942, p. 12)<sup>6</sup> *grifos nossos.*

### 3. Os Plano Urbanísticos

O escolhido para realizar o projeto da cidade foi Attilio Correa Lima (1901-1943), arquiteto formado pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro entre os anos de 1920 a 1925. Também fez especialização em urbanismo no *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris* nos anos de 1927 a 1930 (DINIZ, 2017). Para ele, Goiás era a representação de um Brasil agrário e atrasado e relatava que, à pouca distância da antiga capital, se localizavam civilizações indígenas com práticas próprias da “idade da pedra polida” e, em contraponto a esta situação, afirma que uma capital tem papel de influência sobre as cidades e regiões que a cercam, sendo “o padrão, onde outros satélites se espelham, por isso designavam-na os antigos de ‘METRÓPOLE’” (CORRÊA LIMA, 1937).

O urbanista, que havia se mudado com a família para Goiás para coordenar as construções, não permaneceu até a entrega definitiva das obras. Em abril de 1935, rompe contrato com o estado,

<sup>5</sup> Livre tradução dos autores.

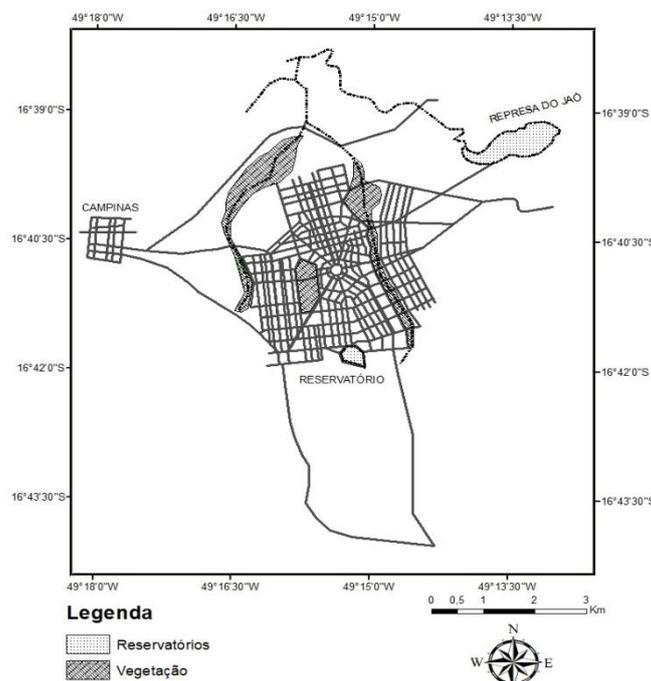
<sup>6</sup> Relatório apresentado em 4 de março de 1933, que, segundo Mendonça (2009), substituiu relatório inicial favorável à cidade do Bonfim, o qual foi ignorado devido ao desejo determinante de Pedro Ludovico Teixeira de situar a nova capital em local isento tanto das influências das oligarquias quanto das influências da Igreja Católica.



antes do término da conclusão dos edifícios e com boa parte das obras atrasadas devido a greves e dificuldade na obtenção de materiais (BERNARDES, 2009; CAMPOS, 1980; SABINO JUNIOR, 1960).

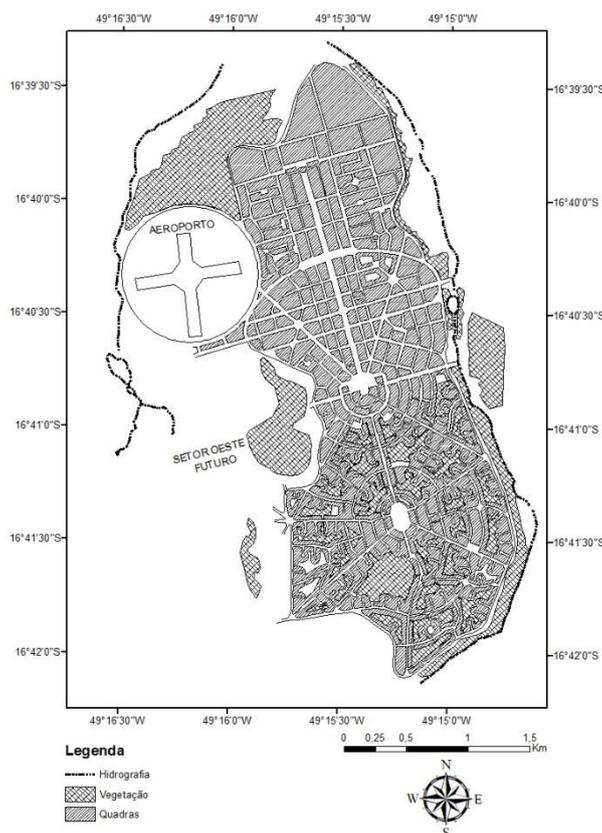
Em substituição a Atílio Corrêa Lima, retorna-se ao nome de Armando Augusto de Godoy (1876-1944) que era engenheiro, mas que atuava no urbanismo, tendo trabalhado com o urbanista francês Alfred Agache na elaboração do plano diretor do Rio de Janeiro na administração do prefeito Prado Junior, entre 1927 e 1930. Godoy manteve, até certo ponto, os principais traçados originais. Porém, interessado nas novas visões de planejamento urbano e influenciado por visita aos Estados Unidos, desenhou um novo traçado para os setores sul e norte da cidade, baseado nas suas novas concepções do espaço urbano (MANSO, 2001).

**Figura 02:** Esboço do Projeto de Goiânia, 1933, elaborado por Atílio Corrêa Lima



Fonte: (CORRÊA LIMA, 1937)– adaptado pelos autores

**Figura 03 –** Planta de Goiânia em 1938 elaborada pela empresa Coimbra Bueno & cia. Ltda.



Fonte: (ALVARES, 1942)– adaptado pelos autores.

O contraste e a contradição entre o moderno e o rural no processo de construção de Goiânia são uma marca expressiva dos dois ambientes como uma única natureza e não duas distintas. Os apontamentos e as metodologias adotados por William Cronon ao analisar Chicago nos permitem uma correlação entre a posição de Goiânia como a cidade símbolo da expansão para o Oeste no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Os apontamentos sobre o projeto da metrópole do meio-oeste americano apontam indícios para uma história ambiental da formação urbana de Goiânia, nos elementos naturais e inaturais, como também na relação entre campo e cidade ou na conexão entre esses elementos, ao mesmo tempo. Outra referência importante da formação urbana de Goiânia, como a porta de entrada da expansão da fronteira modernizadora são os elementos simbólicos que concebem a constituição da cidade por meio dos símbolos de mitos do Oeste brasileiro (CRONON, 1991; DUTRA E SILVA, 2017).



#### 4. A nova capital e os desafios da natureza

O sonho dos *boosters* goianos estava se concretizando. As obras transformavam a rotina do sítio pioneiro. . A cidade “moderna” começara a se erguer, impulsionando, primeiramente, Campinas que, segundo Corrêa Lima, já havia duplicado sua população, a qual permanecera quase inerte nos cinquenta anos anteriores. O mesmo prevê, com satisfação, que o isolamento entre a cidade satélite e a nova capital logo não existiria (CORRÊA LIMA, 1937).

O entusiasmo do urbanista, porém, contrasta com as condições do local onde a cidade estava surgindo. Claude Lévi-Strauss (1908-2009), em sua viagem pela região em 1937, destaca que não havia

*nenhuma via férrea, nenhuma estrada para ir até lá, a não ser caminhos que só serviam para carroças. (...) Como não havia por lá nenhum acidente natural para importunar os arquitetos, estes puderam trabalhar no local como se estivessem trabalhando na planta. Desenharam na terra o traçado da cidade... (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 117)*

Este fato se assemelha com o que Cronon (1991) fala sobre os americanos de Chicago, relatando que o que experimentaram na prática, no que diz respeito diretamente ao sistema de transporte, foi o contrário de suas previsões. Os canais fluviais eram frequentemente obstruídos por bancos de areias e era preciso fazer dragagens periódicas para liberar as vias aquáticas. O rigoroso inverno impedia o livre transporte, principalmente por causa das vias terrestres que ficavam intransitáveis devido à lama. A este respeito, afirma que

*Junto como as vantagens e oportunidades de crescimento, a natureza lançou obstáculos, os quais, aqueles que haviam sonhado com o sucesso tiveram de transpor. Cada nova melhoria significava uma mudança na geografia local – um porto dragado aqui, um canal ou estrada ali – e então as vantagens de se sustentar a cidade passaram a ter um componente ainda mais humano. Um tipo de ‘segunda natureza’ projetada por pessoas e ‘melhorada’ para finalidades humanas gradualmente aflorou sobre a paisagem original na qual a natureza– ‘primeira natureza’ – criou como uma espécie de desordem inconveniente (CRONON, 1991, p. 56)<sup>7</sup>.*

Nota-se que o primeiro crescimento está diretamente ligado a sua existência, ou seja, a sua construção e a transferência dos serviços públicos garantiu seu povoamento. Quase dez anos após o lançamento de sua pedra fundamental (24 de outubro de 1933), a principal produção do estado ainda era agropastoril (CAMPOS, 2015; SABINO JUNIOR, 1960). A louvada indústria que elevaria o estado de Goiás pelo beneficiamento de seus minérios não foi o que impulsionou a formação da metrópole, mas um pensamento baseado em um planejamento “moderno” que possibilitou o

<sup>7</sup> Livre tradução dos autores.



nascimento de uma cidade que, ao se retroalimentar, chama para si as atenções do desenvolvimento.

## 5. Conclusão

Se os *boosters* goianos utilizaram os fatores naturais a seu favor, a realidade da construção mostrou outro lado do desenvolvimento. Muitas dificuldades, financeiras ou de obtenção e transporte de insumos, impediram que a metrópole se desenvolvesse tão rapidamente. A “modernidade” exaltada nos discursos mudancistas contrasta com o atraso tecnológico e com a mão de obra pouco qualificada ou sem qualificação.

O contraste e a contradição entre o moderno e o rural no processo de construção de Goiânia são uma marca expressiva dos dois ambientes como uma única natureza e não duas distintas (CRONON, 1991). As observações de Cronon (1991) sobre Chicago são considerações relevantes na medida em que os seus apontamentos e metodologias adotados nos permitem uma correlação entre a posição de Goiânia como a cidade símbolo da expansão para o Oeste no Brasil nas décadas de 1930 e 1940.

Assim, a capital do estado de Goiás, símbolo da expansão para o interior do Brasil, foi primeiramente desejada e anunciada. O desenvolvimento imaginado e louvado realmente aconteceu, porém não com a rapidez esperada. Os fatores naturais como a capacidade dos rios, a proximidade das matas e as estradas de rodagem se apresentaram muito mais como pretextos para a transferência de capital do que como “facilitadores” de desenvolvimento. O que se deu na prática foi mais uma dificuldade de transpor as limitações impostas pela natureza. A “cidade moderna”, antes de sê-la, experimentou as agruras rurais emolduradas em paisagens de edifícios aos moldes europeus.

## 6. Referências

ALVARES, G. T. **A luta na epopeia de Goiânia**. São Paulo: Gráf. Jornal do Brasil, 1942.

BERNARDES, G. D. O cotidiano dos trabalhadores da construção de Goiânia: o mundo do trabalho e extratrabalho. **Revista UFG**, v. XI, n. 6, p. 37–51, 2009.

CAMPOS, F. I. Operários na construção de Goiânia. **Jornal Opção**, p. 11, 24 out. 1980.



- CAMPOS, F. I. **Questões Agrárias: bases sociais da política goiana**. Anápolis: Kelps, 2015.
- CHAUL, N. F. Goiânia : a capital do Sertão. **Revista UFG**, v. XI, n. 6, p. 100–110, 2009.
- CORRÊA LIMA, A. Goiânia: a nova capital de Goiás. **Arquitetura e Urbanismo**, p. 60–63, 1937.
- CRONON, W. **Nature's Metropolis: Chicago and the Great West**. New York: W. W. Norton & Co., 1991.
- DINIZ, A. Goiânia: modernismo periférico. **Revista Estética e Semiótica**, v. 7, n. 1, p. 101–114, 2017.
- DUTRA E SILVA, S. **No Oeste a Terra e Céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.
- IBGE, I. B. DE G. E E. **Goiânia: coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao Batismo Cultural de Goiânia**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1942.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Tópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MANSO, C. F. A. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea - um certo olhar**. Goiânia: Edição do Autor, 2001.
- MENDONÇA, J. G. C. A queda de bonfim e a escolha prévia de campinas. **Mosaico**, p. 175–189, 2009.
- SABINO JUNIOR, O. **Goiânia Documentada**. São Paulo: Edigraf, 1960.